

## O BRASIL OITOCENTISTA NAS NARRATIVAS ESCOLARES, UMA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DAS FONTES IMAGÉTICAS DE JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JUNIOR.

ARNALDO MARTIN SZLACHTA JUNIOR<sup>1</sup>

A historiografia brasileira do século XIX é um dos assuntos que mais se convergem em investigações e pesquisas na historiografia, e isso se reflete também no ensino de história, um dos motivos é que essa temporalidade está relacionada com a formação da identidade nacional com a consolidação do 2º reinado como governo. Ângela Alonso em seu trabalho *Epílogo do Romantismo* faz uma boa apresentação com a primeira parte de seu trabalho que intitula: “*Uma genealogia americana*”, que traça essa questão da nacionalidade que estava se definindo já que o Brasil era um país na América e poderia se aproximar das identidades assumidas pelos outros países que compunham o nosso continente, entretanto o Brasil possuía laços muito fortes com as monarquias européias já que a família real portuguesa fez sua independência e estava a frente do único país independente da América com sistema monárquico de governo. Alonso apresenta essa questão trabalhando como uma ambigüidade:

[...] ao longo de todo o século XIX, empenhadas na definição da brasilidade. O movimento geral oscilou entre a afirmação da especificidade brasileira. E o desejo de produzir uma civilização de tipo europeu. A ambigüidade básica estava na tentativa de definir uma tradição que nos faltava. (ALONSO, 1996: 76)

O país em que uma identidade estava se completando vivenciava aqui uma tentativa de se copiar os centros das grandes cidades européias, assim como hábitos e costumes dos que habitavam o hemisfério norte, nesse momento também encontramos uma considerável produção da literatura tanto quanto em número de histórias, autores e exemplares que gerou uma a formação de uma classe letrada e produtora de leitores livros. Quando abordamos isso em algumas pesquisas ou até mesmo na sala de aula, esse momento geralmente é tratado de forma muito simples e direta sem uma grande aproximação das ações transformadoras desse período ficando restritas apenas as movimentações políticas dessa elite do jovem país.

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de História Social da Universidade Estadual de Londrina pela Linha História e Ensino.

Com isso, pretendemos nesse trabalho estabelecer uma relação da historiografia do século XIX com os personagens reais responsáveis pelas produções literárias do referido momento. Assim para entendermos esse cenário dos livreiros, políticos e leitores é necessários inicialmente buscar entender esse espaço urbano em que os homens do século XIX estão inseridos e são agentes transformadores, para isso podemos aproveitar da pesquisa de Márcia R. Capelari Naxara, que em sua obra domínio da palavra/ domínio da cidade trabalha o espaço urbano e as representações presentes em obras pictóricas, inicia seu trabalho citando Sérgio Buarque de Holanda discutindo a idéia de colonização que seria diferente entre Espanhóis e Portugueses na qual o modelo português se localizava na região próxima a orla marítima que segundo a tradição isso vem da necessidade de ocupação territorial durante o século XVI, e esse modelo teria ocasionado o surgimento de cidades sem planejamentos, mas em sua bela pesquisa Naxara mostra que mesmo sendo um modelo estratégico de colonização que visava defender o território nacional, e essa visão de uma cidade crescendo desordenada gerou no imaginário das pessoas uma idéia de desleixo e desordem:

[...] sítios escolhidos deliberadamente ou ao acaso para erigir os povoados, vilas e cidades. Isso com certeza contribuiu para a manutenção do imaginário de uma certa (des)ordem ou “desleixo” na construção da paisagem urbana que, de alguma forma, guarda um efeito pitoresco de incorporação à paisagem. (NAXARA, 2004: 89)

Essa visão de desleixo muitas vezes nos desvia o olhar promovendo um julgamento de algumas de uma realidade de um país que não possuía uma relevância no consumo e produção literária, assim acabamos deixando de lado também alguns tramites políticos que estavam ligados com a posição literária. É claro que também não podemos estabelecer que nesse momento o Brasil seja um país completamente letrado como uma grande população consumidora de livros se estendo a todas as regiões, até as mais interioranas. Em qualquer pesquisa historiográfica é preciso ter cuidado e cautela com suas fontes.

O processo que culminou com certa pacificação política saindo do período conturbado da regência, gerou um novo momento na história do país na qual conhecemos como período da Conciliação através de dos arranjos dos poderes. Com o império percebemos uma tendência do imperador em financiar e estimular autores e artistas que destacassem uma idéia de nação.

Consolidado, o país tinha de marcar sua singularidade como nação; necessitava criar uma imagem de si mesmo que não tivesse por substrato apenas o nativismo antiportuguês que tantas vezes compadecera na política como nas letras até então. (CARVALHO, 1996: 140)

Ao estabelecer o nosso recorte temporal e enfoque histórico que queremos dar vamos a partir de agora construir uma proposta pedagógica e definiremos também a qual aluno estaremos direcionando tal trabalho, de acordo com o tema aqui escolhido uma boa relação Didática da História é a questão da sociedade brasileira do século XIX, o momento de formação da idéia de nação no Brasil com o advento do segundo reinado após as crises e o temor das elites que o Brasil sofresse uma desfragmentação territorial. Quando tratamos da didática da história pensamos em poder construir uma ação com aporte na disciplina de Artes, cabe esclarecer que estamos nos baseando na reflexão proposta por Klaus Bergmann, a Didática da História seria uma especialidade da disciplina história que buscaria estudar dentre outros, a metodologia do ensino de História<sup>2</sup>.

Definido a qual aluno é pensando nossa preposição didática, refletimos uma análise a partir da pergunta básica, Quais as possibilidades de interação do ensino de História com o ensino de Arte? De que forma o nosso objeto se situa no âmbito de debate entre a História e as Artes e a possibilidade dessa junção direcionando e criando um trabalho que possibilitasse a pesquisa em sala de aula dessas duas ciências. Ainda com base na pesquisa de Ana Mae Barbosa, presente em seu livro *A imagem do ensino da arte*, temos uma reflexão da importância do uso e estudo das imagens em sala de aula e a relação de análise que extrapola os muros e vai muito além dos mínimos limites escolares. Aprender a ler imagens não auxilia apenas nas possibilidades e atuações de outras ciências, ajuda, ou melhor, é de fundamental importância para a vida do educando.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação de gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que esta sendo visto aqui e agora e em relação ao passado. (PIMENTEL, 1990: 115)

---

<sup>2</sup> Mais referências indicamos a leitura do Artigo de BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. 1989/1990.

Mais qualquer interação nas duas ciências seria possível somente quando incluimos uma fonte iconográfica na nossa pesquisa e quando pretendemos entender nosso objeto de estudo para a sala de aula nos deparamos com os problemas técnicos da execução do mesmo. Para tanto poderemos utilizar as contribuições de Lucia Gouvêa Pimentel.

Talvez seja preciso pensar, antes de tudo, em como garantir o acesso às tecnologias contemporâneas aos nossos alunos e professores. Num mundo em que o poder da informação geralmente determina o poder de decisão, ter acesso à informação é um primeiro passo necessário para que posso pensar e construir conhecimentos básicos. (PIMENTEL, 1996: 116)

Dessa maneira conseguimos apresentar algumas contribuições para a nossa pesquisa, tanto no campo teórico e metodológico quanto na prática das ações em sala de aula. Toda ação de cunho científico deve estar apoiada em autores das diferentes abordagens propostas que darão suporte teórico as atitudes, possibilitando um resultado científico e satisfatório, que terão como resultado orientações para docentes das diversas áreas, temos dessa forma um trabalho que se enquadre a proposta da especialização, que tem como alunos profissionais da educação, que junto a academia produzam experiências práticas e acadêmicas que são a gênese de uma especialização cujo ênfase é o ensino de Artes.

### **Criando as relações, Arte, História e identidade.**

Nosso objeto primário para nossa ação em sala de aula e a aplicação de um bom projeto pedagógico levando algumas reproduções de obras do pintor José Ferraz de Almeida Júnior.

Lembramos à historicidade presente no século XIX na qual encontramos a formação do estado nacional brasileiro e tentativa de consolidação de uma identidade nacional através de ações políticas, econômicas e culturais que pretendiam construir esse arcabouço. O item relativo à identidade é de um profundo debate que ele por si só poderia se transformar num projeto de sala da aula dentro da linha pretendida. Contudo

para melhor elucidar os possíveis caminhos dessa pesquisa pretendo me orientar nas considerações de Denys Cuche que pondera:

[...] a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde a sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo(são membros do grupo os que são idênticos sob um certo pontos de vista) e o distingue dos outros grupos (Cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 1999: 177)

Assim a ação em sala de aula pretende ser uma iniciativa que pela disciplina da história seja possível criar uma interdisciplinariedade com a disciplina de artes dando ao aluno a noção do que seria o tempo histórico e as possibilidades de interpretações, entendimentos e inquietações que ele nos reserva. Para tanto podemos ainda recorrer a Lana Mara de Castro Siman. Com seu artigo “O Papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelo alunos” (SIMAN, 2004) possibilitando a execução da pesquisa dentro da sala de aula. Nesse Artigo Siman nos orienta de uma forma interessante sobre o papel do educador, principalmente na área das ciências humanas, através de uma ação mediadora onde o professor não seria o emissor do conhecimento e sim juntamente com os educandos formarem uma ação coletiva professor e aluno e assim dando uma maior possibilidade de atuarem como interlocutores. Tal ação pretende que se investigam as transformações provocadas pelo homem no recorte já especificado e o discernimento do tempo histórico em comparação ao tempo astronômico e físico.

### **Possível Metodologia do Trabalho.**

Ao se propor um prática em que há uma soma de disciplinas escolares precisamos tomar muito cuidado na ralação entre as mesmas, não que uma venha desmentir ou desqualificar a outra, mas há encaminhamentos do ponto de vista didático em que é preciso se ater com muita atenção. Como ponto inicial dessa ação buscarei compreender a relação do uso de imagens no ensino de história na perspectiva presente no trabalho de *Circe Maria Fernandes Bittencourt*. Em sua obra ‘*Ensino de História: Fundamentos e métodos*’, Bittencourt estabelece contatos iniciais para apropriação da imagem através da concepção dele como um documento histórico e quais cuidados o

pesquisador professor deve tomar com tal particularidade. Outra contribuição é um relação uso das imagens tecnológicas na sala de aula, que poderão auxiliar no sentido da técnica de reprodução em sala de aula. O trabalho de Bittencourt aponta assim alguns caminhos do uso da imagem e a sua utilização em sala de aula na dimensão da História, com possibilidades de contribuir para a execução da atividade. (BITTENCOURT, 2008: 360-371)

Uma das principais discussões no mundo acadêmico é qual a relação de conhecimento, aluno e professor, a principal crítica é sobre a idéia de um professor que seria um mero reprodutor dos saberes acadêmicos, e os alunos receberiam informações diminuídas e simplificadas vindas da academia. Ora essa concepção não compreende nossa proposta dessa inter-relação entre o ensino de Arte e História e como ponto de debate e reflexão da execução das atividades que estamos propondo nesse trabalho me aparo nas concepções de *Selva Guimarães Fonseca* principalmente em suas obras “*Caminhos da história ensinada*” e “*Didática e Prática de Ensino de História*” que nos possibilita considerações sobre o universo escolar e a execução da prática da pesquisa no âmbito escolar. Seguindo a linha de análise desta autora presente na primeira obra citado, pretendo utilizar sua contribuição nessa ação pedagógica em relação às mudanças que o ensino de história sofreu nas últimas décadas por conta do aumento da propagação das imagens e a mudança de paradigma com a grande presença e influência dos meios de comunicação em massa no ambiente escolar.

Já o seu segundo livro: *Didática e Prática de Ensino de História*, irá me orientar em relação à realização da ação propriamente dita em sala de aula. A primeira orientação no sentido de execução parte de seus pressupostos teóricos em relação à Interdisciplinariedade ou transversalidade no ensino de história e possibilidade da produção de conhecimento dentro do ambiente escolar.

[...] professores e alunos não meros consumidores de materiais, executores de programas de ensino, mas criadores, produtores de saberes. O professor é um profissional que domina não apenas os métodos da construção do conhecimento, mas um conjunto de saberes que possibilita sua socialização e sua reconstrução no processo de ensino e aprendizagem. (FONSECA, 1993: 133)

Outro item pertinente dessa obra é a que trabalha a incorporação de outras fontes e linguagens na prática do ensino de História, dessa forma concordamos com Fonseca no que diz respeito da abrangência de conteúdos escolares e também fora dos bancos escolares que o educando recebe durante sua vida na educação básica.

[...] A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida nos diversos espaços de vivência. Logo, todas as linguagens, todos os veículos e materiais, fruto de múltiplas experiências culturais, contribuem com a produção/difusão de saberes históricos[...] (FONSECA, 1993: 164)

Como o trabalho é uma junção de perspectivas do campo da história com o campo das artes. Pretendemos realizar assim no decorrer da pesquisa uma análise em sala de aula sobre a sociedade brasileira e sua identidade do final do século XIX, utilizando das pinturas de José Ferraz de Almeida Júnior e as possibilidades do campo das artes visuais, é claro que pretendo buscar outras experiências tanto nos caminhos que pertencem a metodologia no ensino de história somando a produções acadêmicas e metodologia que circundem o ensino de artes, outros temas colaterais como a pedagogia e a psicologia também podem somar a este trabalho.

Dentro dessa idéia de soma e interdisciplinaridade e possibilidades das duas ciências em questão, é condizente na formulação teórica do presente projeto termos também uma bibliografia do campo das artes visuais que dê um suporte para o trabalho e promova uma riqueza maior no desenvolver dessa ação pedagógica.

Para tanto, escolhi a obra *Educação para uma compreensão crítica da Arte*, de Teresinha Sueli Franz, que propõe uma análise da primeira missa no Brasil observando a obra pela perspectiva das artes visuais. Como o autor e obra do artista presente no trabalho de pesquisa de Franz são diferentes do que proponho, pretendo-me utilizar a experiência de análises e suas considerações sobre as questões de observação e interdisciplinaridade ou transdisciplinariedade.

O estudo sobre os objetos artísticos deve ser transdisciplinar e crítico, buscando desvelar sempre as concepções ocultas, o que não se consegue, quando se considera apenas um enfoque de leitura formal da imagem. Olhar as pinturas como representações sociais e não puramente estéticas[...] (FRANZ, 2003: 139)

Utilizando os autores acima destacados e suas contribuições para o meio acadêmico pretendo construir um trabalho rico que estabeleça relações de análises, diálogos entres áreas afins nos dando uma produção funcional e condizente com as linhas de pesquisa mais atuais no que diz respeito ao campo do ensino de História, bem como sua utilidade nas orientações de professores da educação básica. Como a maior parte da minha bibliografia apresentada não faz parte dos “clássicos” acadêmicos e permeia duas áreas distintas, nesses próximos parágrafos apresentarei a proposta dos sucintamente na área de concentração da referida proposta de trabalho.

A obra *Ensino de História: Fundamentos e métodos*, de Circe Maria Fernandes Bittencourt da série Docência em Formação da editora Cortez, é um livro dividido em três partes principais, com vários capítulos e seus subitens. É direcionado aos estudantes e profissionais da educação. Nessa pesquisa pretendemos utilizar o Subitem dois do capítulo três presente na terceira parte do Livro.

As obras *Caminhos da História Ensinada* e *Didática e prática de ensino de História* de Selva Guimarães Fonseca, a primeira é uma análise de vários guias curriculares de ensino de história da década de 1970, e como a própria autora coloca: é uma abordagem das múltiplas histórias para diferente ensinamentos no Brasil. Esse primeiro livro contribuirá com o primeiro subitem que trabalha A indústria cultural e as mudanças no ensino de História, que nos dera base sobre as transformações no ensino de história com a popularização das mídias visuais.

Já o segundo livro de Fonseca é um apanhado de pesquisas, debates e experiências relatadas e produzidas em formato acadêmico pela autora. A colaboração desse livro se concentra na sua segunda parte inicialmente com o primeiro subitem que trabalha com a interdisciplinaridade e transversalidade e ensino de história. Contarei também com as contribuições do sexto e último subitem dessa parte do livro que trabalha a incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de história.

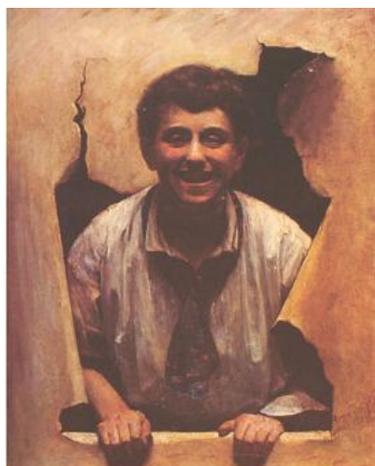
O nosso quarto livro e terceiro autor é uma produção da área das artes visuais, A obra *Educação para uma compreensão crítica da arte*, de Teresinha Sueli Franz é uma análise que utiliza a obra: *Primeira Missa no Brasil* de Vitor Meirelles como objeto de pesquisa aproveitando de outras ciências e defendendo essa transdisciplinariedade presente e possível na análise de uma fonte iconográfica. Para a minha pesquisa pretendo utilizar dois capítulos do seu livro, esse livro possui uma única divisão com

nove capítulos. O primeiro que pretendo usar é o oitavo capítulo: O estudo empírico, que alerta o pesquisador que ao analisar uma imagens existem questões e responsabilidades a serem percebidas, já nono capítulos que é o segundo que irá compor minha monografia é: Ordenação, análise e interpretação de dados que são os principais caminhos segundo a autora para uma análise iconográfica embasa.

### **As Obras: Fontes, História e Arte, criando conexões.**

Nesse item do trabalho apresento as obras de Almeida Junior que pretendo utilizar na ação pedagógica. Em baixo de cada obra colocarei de forma resumida as idéias de abordagem para as obras:

#### ***Recorte 1: A Infância:***



J. F. ALMEIDA Junior  
*O Menino, 1882*



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
*Puxão de orelha, sem data*



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
*Garoto com banana, 1897*

As três obras presentes no primeiro recorte fazem referência à infância, tal recorte é colocado inicialmente propositalmente, após os alunos terem um referencial sobre quem é o pintor José Ferraz de Almeida Junior, essas obras têm como objetivo promover uma proximidade do tema com o aluno. Assim apresentando o período do século XIX pensando na formação dessa sociedade brasileira buscando uma identidade nacional, o educando vai perceber que além de toda história política e de disputas de relação de poder existentes naquele momento havia também crianças e suas particularidades.

Momentos simples e cotidianos como a alegria e sorriso “arteiro” de um menino furando uma tela, a imposição das regras dos mais velhos através do castigo pelo puxão de orelha como também atividades corriqueiras como comer uma banana, mesmo que como sugere a tela quando o garoto retratado pede silêncio, ou até mesmo um segredo, de forma escondida. Uma outra possibilidades nessa ação e recorte seria pedir para tentarem anteceder a cena retratada ou continuar em forma de texto narrativo ou desenho.

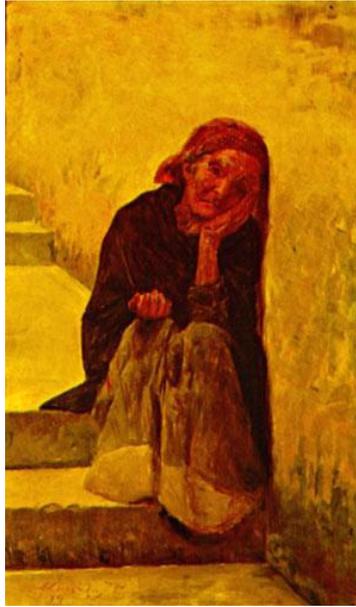
***Recorte 2: A Mulher:***



J. F. ALMEIDA JR. *Moça com livro*, sem data



J. F. ALMEIDA JR. *A noiva*, 1886.



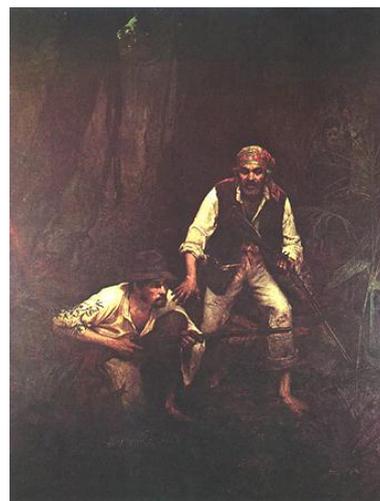
J. F. ALMEIDA JÚNIOR *Negra*, 1891

Já esse recorte aborda a figura feminina, a intenção é a identificação de quem observa as obras com outras figuras femininas próximas como a mãe, uma irmã mais velha, outra opção é mostrar as distintas funções das mulheres durante o século XIX, as diferenças entre as camadas sociais e entre as etnias, a observação sobre a obra de Almeida Junior permite identificar a pluralidade étnica e social presente no Brasil oitocentista.

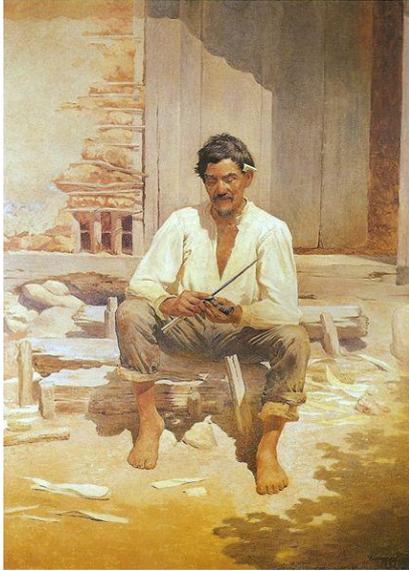
### ***Recorte 3: O sertanejo***



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
*Apertando o Lombilho*, 1895



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
*Caipiras Negacendo*, 1888



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
Caipira Picando Fumo, 1893



J. F. ALMEIDA JÚNIOR  
O Violeiro, 1899

Esse recorte é um dos mais importantes do trabalho, pois aqui é que virão as discussões sobre o tempo do caipira, o tempo em que se encontra a narrativa de José Ferraz de Almeida Junior, os recortes anteriores além de funcionarem como um atrativo ao aluno tem a função de mostrar a multiplicidade social no Brasil do século XIX, aqui poderemos entrar num debate sobre quem é esse caipira? Que é esse sertanejo?

Geralmente o que encontramos em livros de história e manuais de história da arte é uma idéia de um Brasil sertanejo sem forma, distinto das descrições ricas sobre as cidades do período. Com essas quatro obras podemos observar o que seria o “quintal” desse sertanejo na obra “*Apertando o lombo*”, qual atividade esse sertanejo praticava nesse sertão sem descrição escrita que caminhos percorreram os personagens da obra “*Caipiras Negacendo*”, quais seriam seus destinos? E por fim qual seria esse tempo presente no Brasil colonial, que tempo é esse que enquanto as elites buscavam uma construção sólida sobre um Brasil recente, que desenvolvia sua academia de bellas artes e pensava numa forma de escrever uma história do Brasil com IHGB. Que tempo permeia esse caipira na busca de identidade nacional, onde ele se classifica nessa identidade, e mulher, as crianças e as diferenças sociais nesse Brasil recente e caipira de Almeida Junior.

Todo o trabalho acadêmico voltado à educação muitas vezes é mau visto pelos colegas que tratam de recortes referentes à academia, nossos colegas perdem de vista

que a função primeira da criação dos cursos de graduação de licenciatura é a relação com o ensino. Dessa forma buscamos nas referências bibliográficas, obras de arte acima criar uma proposta de prática dentro do ambiente escolar que busque uma forma de propor debates que perpassam a divisão das disciplinas.

O recorte temporal escolhido é de total relação entre o ensino de história e artes. Acreditamos que trabalhar de uma forma que haja predomínio do Debate e da reflexão no ensino básico é a propostas de todas as disciplinas das áreas humanas.

A formação de identidade é um tema complicado, quebrar uma tradição de ensino, ou mostrar que aquela tradição é inventada não é uma tarefa fácil, tão pouco simples já que é uma junção de elementos como pondera Denys Cuche.

Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde a sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo(são membros do grupo os que são idênticos sob um certo pontos de vista) e o distingue dos outros grupos (Cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 1999)

Essa atividade busca que o aluno compreenda que o espaço da sociedade brasileira do século XIX era composto por pessoas da elite que lideravam esse processo como também por mulheres, crianças e sertanejos que observavam o tempo com outros olhos que o nosso, mas sem ser anacrônico julgando as ações destes personagens calados, mas ao apresentar uma obra de arte esperar que o aluno não possua uma visão passiva, enxergando apenas o figurativo. Possa entender o momento, as técnicas que aquilo foi produzindo, compreender de fato que a produção artística é uma criação de cunho exclusivamente humano, e que a história é uma invenção humana. O pintor ituano e os personagens caipiras de seu tempo tem muito a nos dizer através das observações das suas obras.

## Referências Bibliográficas:

BARCA, Isabel. **Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História** Universidade de Minho In: BARCA, Isabel (org) Perspectivas em educação Histórica (actas das primeiras jornadas internacionais de educação histórica). Centro de Educação e Psicologia: Universidade de Minho. 200.

BERGMANN, Klaus. **A história na reflexão didática**. Tradução de Augustin Wernet. Revisão de Marcos A. Silva. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, SP, v.9, n.19: 29-42. Set. 1989 / Fev. 1990.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes, **Ensino de História: Fundamentos e métodos**, São Paulo SP. Ed. Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo**. In: *Apologia da História ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro, 2002

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru SP. Ed. Edusc. 1999

DECCA, Edgar de, **O tempo na História**, Palestra de Edgar de Decca na Exposição Einstein: In:Revista pesquisa. FAPESP, Dez de 2008

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**, Campinas, SP. Ed. Papyrus. 1993.

\_\_\_\_\_. **Didática e Prática de Ensino de História**, Campinas, SP. Ed Papyrus, 2003.

FRANZ, **Teresinha Sueli, Educação para a compreensão crítica da Arte**. Florianópolis, SC. Letras contemporâneas. 2003.

LEE, Peter. **Progressão da compreensão dos alunos em história (Progression in Students' understandings od the discipline of history) Universidade de Londrines** In: BARCA, Isabel (org) Perspectivas em educação Histórica (actas das primeiras jornadas internacionais de educação histórica). Centro de Educação e Psicologia: Universidade de Minho. 2001

NAVES, Rodrigo, Almeida Júnior: **O Sol no meio do caminho**. Revista Novos Estudos, Nº 73, São Paulo , CEBRAP, Novembro de 2005

PIAUI, William de Siqueira, **Santo Agostinho e Isaac Newton: Tempo, Espaço e Criação**: In Theoria, Revista Eletrônica de Filosofia, Fev.de 2009.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Tecnologias contemporâneas e o ensino de arte: In Inquietações e Mudanças no ensino de arte**. BARBOSA, Ana Mae (org) São Paulo: Cortez 2002.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 6ª edição: 7-20. 2003.

\_\_\_\_\_. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. 2005.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **O Papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos** In: ZARTH, Paulo A e outros(org.) Ensino de história e Educação. Ijuí. Ed Uniuui. 2004